# **RELATÓRIO DE SISTEMAS OPERATIVOS**

#### GRUPO 4:

- André Filipe Pereira Ribeiro, A104436
- Jorge Rafael Machado Fernandes, A104168
- Pedro Miguel Araújo Gomes, A104540

# **COMUNICAÇÃO ENTRE CLIENTE E SERVIDOR**

A comunicação entre clientes e servidor foi o primeiro passo e, dada a sua importância, procurámos garantir que tínhamos o controlo total desta comunicação, de forma a não comprometer o projeto em nenhuma das fases posteriores.

## Ler tarefas

Ao iniciar o programa, o nosso servidor cria um pipe FIFO, "PipeTasks", sendo este o canal de comunicação pelo qual optámos, de forma a tornar possível a receção de tarefas. Seja sobre a forma de pedidos de execução ou pedidos de status, provenientes do cliente ou até tarefas já terminadas vindas de processos filho criados pelo próprio servidor.

#### O QUE É UMA TAREFA?

Tal como foi referido anteriormente existem 3 tipos de tarefas. Desses 3 tipos conseguimos ainda dividi-las em 2 grupos.

- Grupo Cliente (tarefas provenientes do Cliente) Pedidos de execução ou pedidos de status.
- Grupo Servidor (tarefas provenientes de processos filhos criados pelo próprio servidor) Pedidos de execução já terminados.

Dados os atributos da nossa estrutura "Task" distinguimos as diferentes tarefas da seguinte maneira:

```
typedef struct {
    int inputed_time_ms;
    char flag[3];
    char toExecute[278];
    int status;
    int id;
    int done;
} Task;
```

int inputed\_time\_ms - Guarda o valor do tempo previsto dado para um pedido de execução, (pedidos de execução já terminados vão herdar esse tempo). Para pedidos de status este tempo fica com o valor default igual a 0;

char flag[3] – Este atributo distingue através das flags "-u" e "-p", respetivamente, pedidos de execução de programas singulares, de pedidos de execução do número de programas variável.

char toExecute[278] — Este atributo guarda a mensagem que contém o(s) programa(s) e respetivos argumentos (no caso da existência de argumentos) para qualquer pedido de execução. O seu tamanho foi escolhido dado a condição de input de argumentos ≤ 300 bytes.

int status – Para pedidos de status, este atributo assume o valor 1 e, para pedidos de execução assume o valor 0.

int id – Este atributo guardará o id de cada pedido de execução, logo, será apenas preenchido (isto é, com um valor diferente do default), depois do servidor atribuir um id a esse mesmo pedido de execução.

int done – Este atributo irá distinguir pedidos de execução de grupo cliente de pedidos de execução de grupo servidor. O valor deste atributo para todos os pedidos de execução do grupo cliente será 0, e do grupo servidor será 1, visto que este campo só será alterado no fim da execução dessa determinada tarefa.

## IDs de tarefa e status

De forma a comunicar com o utilizador, os nossos clientes precisam de receber IDs de tarefa gerados e provenientes do servidor e mensagens de status também provenientes de servidor. Para este efeito, criámos mais 2 pipes FIFO, desta vez no cliente, pois como temos N clientes e apenas 1 servidor, cada cliente cria os seus FIFOs momentaneamente.

#### Políticas de escalonamento

O nosso projeto foi concebido para praticar 2 políticas de escalonamento. Política FIFO, First In First Out, que funciona por uma fila simples onde o primeiro pedido de execução a ser enviado será o primeiro a executar. E política SJF, Shortest Job First, que tira partido do tempo de execução estimado para um dado pedido de execução. Como o nome indica, irá ser executado o pedido de execução que tiver o menor tempo estimado.

```
int main (int argc, char** argv) {
   if (argc != 4) {
      printf("Please input a valid number of arguments\n");
      exit(0);
   } else {
   if (strcmp(argv[3], "FIFO") != 0 && (strcmp(argv[3], "SJF") != 0)) {
      printf("Invalid escalation policy\n");
      exit(0);
   }}
```

# Inicialização do Servidor

Antes de entrar no ciclo infinito que manterá o nosso servidor sempre aberto, inicializámos a seguintes variáveis que são cruciais ao bom funcionamento do projeto.

Neste tópico refugiamos a nossa explicação na nossa documentação de forma a evitar redundância.

## Tratamento de tarefa

Esta é a parte do código, anterior à execução de tarefas e criação de processos filho, onde passam todos os tipos de tarefa. Depois de abrir o ciclo infinito que mantém o servidor a "rodar", inicializamos o descritor de abertura do pipe que irá ler tarefas. Assim, inicializamos o ciclo de leitura que estará sempre pronto para ler se existir alguém que escreva no pipe do outro lado. A cada tarefa recebida todas têm de ser distinguidas pelas diferentes condições que tiram informação dos atributos da estrutura "Task". Depois de distinguidas entre os 3 tipos de tarefa, todas iram receber um tratamento diferente como é possível perceber pelo código e a sua documentação.

# Começo da execução

Depois de entendermos com que tipo de tarefa estamos a lidar, abordamos os pedidos de execução que estão à espera de ser executados caso haja pedidos a executar e caso haja "espaço" para os executar, isto é, o número de "tasks" em execução seja menor que o número de "tasks" que podem ser executadas em paralelo através do argumento dado no input ao inicializar o servidor. De forma a perceber que tarefa vamos executar fazemos recurso à nossa política. A partir do momento que os nossos algoritmos determinam que tarefa vamos executar, removemos a tarefa da lista de espera e adicionamo-la à lista de tarefas em execução.

Como sabemos o tipo de execução que vamos realizar será determinado pela flag da tarefa a executar:

## Execução

# Flag "-u"

Para executar pedidos de execução com flag "-u" tivemos de "chamar" um "fork()" que nos permita tornar independente a execução de cada tarefa, deixando o servidor continuar a iterar à espera de novas "tasks". Posto isto, criámos outro "fork()" que será o verdadeiro responsável por executar a tarefa. Tirámos o "id" da tarefa para criar o seu ficheiro individual e redirecionámos toda a informação tanto do System. Out que corresponde ao valor 1 como do System.err que corresponde ao valor 0 para esse mesmo ficheiro. Através do comando "execvp" e já com todos os argumentos da tarefa devidamente separados, executamos a tarefa.

```
//fork that is gome separate the execution part of the server and makes sure that the server keeps being able to receive tasks if (fork) = 0 {
    char *args[20]; // Assuming a maximum of 20 arguments
    splitString(etTasktoExecute(sfirstInqueue), **, args); //Split the task arguments to execute
    splitString(etTasktoExecute(sfirstInqueue), **, args); //Split the task arguments to execute
    splitString(etTasktoExecute(sfirstInqueue), **, args); //Split the task arguments to execute
    sprintf(fileoutput, Sizeof(fileoutput), *%s/TaskMd.txt*, argv[1], getTaskId(sfirstInqueue)); //init the output file name
    int force = 0 open(fileoutput, o. CREAT | 0. APPEND | 0. MRONIN, 6066); //create the output file
    dup2(fifo, 1); //redirect system.err
    char *TaskID = createTaskString(getTaskId(sfirstInqueue)); //header for the output file
    write(1, TaskID, strlen(TaskID)); //write header
    free(TaskID); //free memory
    execup(args[0], args); //execute the program and its arguments + write execution output in the output file
    perror(*exec failed\n'); //if it reaches this line it means there was an error, because the exec should have killed the process
    exti(1);
    stice {
        char fileoutput, 3.izeof(fileoutput), "%s/TaskMd.txt*, argv[1], getTaskId(sfirstInqueue)); //init the output file name
    int fide o = open(fileoutput, ). GEAT | 0. APPEND | 0. MRONIN, 6066);

    wait(NULL); //wait for the child process
    gettimeofday(bend, NULL); //stop counting the time after waiting for the child process to "die"
    int timeExec = (end.ty xec - start.ty sec) * 1000 + (end.ty usec - start.ty_usec) / 1000;
    char* time = createTaskTine(timeExec); //create baseboard for output file
    free(time); //init fileoutput, //init baseboard for output file
        free(time); //init fileoutput, //init pipe descriptor
        int idaskSobne = open(varput/TaskSobne et.**, open(varput/TaskSobne et.**, open(varput/TaskSobne et.**, open(varput/TaskSobne et.**, open(varput/TaskSobne et.**, open(varput/TaskSo
```

O término da execução da tarefa é marcado pela espera do pai do processo que a executou. Com o fim dessa espera, vem o fim da contagem do tempo e vem a escrita dessa tarefa, agora como um pedido de execução terminado, no pipe principal do servidor que está constantemente à espera de tarefas para ler.

Para além disso, a informação remetente a esta tarefa é ainda guardada no ficheiro das tarefas acabadas. Ficheiro esse que contém as informações precisas para responder a pedidos de status.

# Flag "-p"

A execução para a flag "-p" é muito semelhante à execução para a flag "-u", simplesmente como estamos a executar vários programas e queremos "misturar" os seus resultados faremos 2 adições importantes. Primeiro criámos um ciclo "for" dentro do primeiro "fork()" que irá iterar 1 vez por programa, ou seja, irá fazer 1 "fork()" de execução de programa por cada programa. Depois de forma a "misturar" os programas iremos redirecionar sempre o output do programa de ordem "x" para um pipe sem nome e redirecionar o stdin do programa de ordem "x+1" para que leia do pipe. O primeiro programa não precisa de ter o seu stdin

redirecionado assim como o último programa não precisa de ter o seu stdout redirecionado pois irá escrever no ficheiro de output como acontece com a flag "-u".

## Pedido de Status

Ao receber um pedido de status tivemos uma complexidade de trabalho não tão elevada. Apenas criámos 3 strings que foram depois concatenadas em 1 string que é a nossa mensagem de status a enviar para o Cliente que passará para o utilizador. Dessas 3 strings:

1 string com a informação presente na estrutura de dados de tarefas em espera;

1 string com a informação presente na estrutura de dados de tarefas em execução;

1 string com a informação presente no ficheiro que contém as tarefas concluídas.